

PELOS SÍ, A PELO NO – UMA ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS SOCIAIS À LUZ DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Alex Luis dos Santos

Mestrando/bolsista CAPES-DS na Universidade Federal de São João del-rei

alxlouis@hotmail.com

Lucimar Aparecida Silva

Graduanda na Universidade Federal de São João del-Rei

lucimarsilvaletras@yahoo.com.br

Cláudio Márcio do Carmo

Professor/doutor na Universidade Federal de São João del-Rei

claudius@.ufsj.edu.com

RESUMO

No contexto científico brasileiro, a pesquisa baseada na gramática do design visual é, conforme Pinheiro (2007), ainda bastante incipiente, embora tal quadro tenha sido alterado com o advento cada dia maior de trabalhos com esse suporte. Tendo em vista a grande polêmica em torno do projeto *Pelos si, a pelo NO*, este artigo mostra-se relevante por abordar questões relacionadas à construção de significados sociais a partir do *calendario laico*, cuja autoria é atribuída ao projeto em questão. É perceptível a inconformidade entre os objetivos oficializados pelo projeto com a produção do calendário e os efeitos de sentido produzidos pelo mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática visual; calendário laico; significados sociais.

ABSTRACT

There is very little research in Brazil based on the grammar of the visual design is, as Pinheiro (2007), still very low, although this condition has been changed with the advent of greater work each day with such support. Given the great controversy surrounding the project *Pelos sí, a pelo NO*, this paper has shown to be relevant since it seeks to address issues related with the construction of social meanings from the *calendario laico*, photos rap hed by authorship is attributed to specified project. It is perceptible disagreement among the objectives officially announced by the project with the production schedule and the effects of meaning produced by the same.

KEY WORDS: Visual grammar; secular calendar; social meanings.

INTRODUÇÃO

No contexto acadêmico brasileiro, o que se observa, conforme Carvalho e Magalhães (2009), é o interesse crescente por trabalhos associando estudos sobre os textos multimodais e a mídia impressa, seja no âmbito da propaganda (DELPHINO, 2001; PETERMANN, 2006), seja no domínio das revistas (PINHEIRO, 2007; FERREIRA, 2003; FONTENELE, 2004).

Contudo, em termos de materiais impressos sem fins lucrativos, as investigações ainda mostram-se elementares, tendo em vista que estão notoriamente em menor número.

A partir dessa verificação, no presente trabalho, são analisados os significados *composicionais, representacionais e interativos* das edições do calendário do projeto *Pelos si, a pelo NO* (Pelos Sim, Sem Camisinha Não) de Juan Antinoo - fotógrafo venezuelano. – à luz da Gramática do Design Visual e de estudos sobre a multimodalidade, segundo proposta de Kress e van Leeuwen (1996,1998, 2001).

Presentemente, muitas têm sido as discussões e as opiniões em torno da liberação ao uso de preservativos por parte da Igreja Católica. De modo recente a igreja católica, por meio de seu representante maior, o pontífice Bento XVI, demonstrou em entrevista concedida ao jornalista alemão Peter Seewald, a possibilidade de uma discussão interna que vise à deliberação sobre o uso da camisinha. A entrevista que deverá ser publicada no livro “Light of the World: The Pope, The Church and the Signs of the Times” (“Luz do Mundo: o Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos”), é confirmada pelo Vaticano através da edição semanal do *L’Osservatore Romano*.

Essa conjuntura demonstra legítima a importância de se refletir científica e criticamente sobre o contexto e uma das possíveis motivações para a polêmica em torno da liberação do preservativo por parte da igreja: o projeto *Pelos si, a pelo NO*.

O projeto *Pelos si, a pelo NO* declara não ter fins lucrativos, é realizado desde 2008 e financiado por diferentes organizações venezuelanas e internacionais ligadas a grupos homossexuais e a instituições de saúde, como principalmente redes de pessoas que vivem com o HIV. No ano de 2008, o projeto começou a produzir, vinculado ao grupo homossexual espanhol *COGAM*, o *calendario laico*.

A produção do *Calendário laico* tem, desde então, provocado muitas discussões, principalmente no meio religioso e na Espanha, onde o calendário foi lançado, já que muitos fazem referência a ocasiões e pessoas importantes cristãos católicos. A igreja, nessa situação, tem considerado ofensivo e frívolo o referido calendário, assumido pelo projeto *Pelos sí, a pelo NO* e gerido financeiramente pelo *Colectivo de gays, lesbianas, transexuales e bissexuales de Madri* (Cogam).

O que é apercebido é que as edições do calendário são formuladas a partir de textos verbais (identificação dos meses) e não verbais (imagens, texturas), sendo que tal característica permite que sejam consideradas como um texto multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p. 183), já que combinam diferentes códigos semióticos. A relevância de

cada um dos significados visuais (composicional, representacional e interativo) depende e varia da imagem examinada, podendo, às vezes, um sobrepujar outro em quantidade. Essa situação de relevância na análise dos significados deve condizer aos efeitos de sentidos mais salientes produzidos pelo texto, este num sentido mais lato que abarque todos os mecanismos de produção da mensagem. Por isso, propõe-se, nesse trabalho o tratamento das imagens como textos.

Como o objetivo do trabalho é investigar as estratégias de produção imagética de uma ação afirmativa, conforme os propósitos articulados pelo projeto *Pelos si, a pelo NO* que busca a conscientização de uma qualidade de vida possível aos portadores do HIV e o incentivo ao uso de preservativos, a análise ficará restrita aos aspectos naturalmente relacionados à imagem. Em decorrência desse propósito, busca-se avaliar a maneira como as categorias tratadas dentro das funções representacional, interativa e composicional são apresentadas no *corpus*.

Assim, cada um dos aspectos relevantes na imagem, categorizados pela Gramática do Design Visual, será identificado, de modo que se questione o porquê e os significados das escolhas feitas com relação às seis edições referentes aos meses de julho a dezembro de 2009 do *calendário laico*. Essa limitação se deve ao fato de se acreditar, pelo prévio exame do calendário completo, que os seis meses referidos são capazes de caracteriza-lo, enquanto um *corpus* significativo para os objetivos supracitados, uma vez que os temas tratados nesse calendário não variam.

Nesse sentido, o trabalho está arquitetado de tal maneira que se possibilite primeiramente a percepção da relação entre gramática sistêmico-funcional e gramática do design visual. Em seguida são aduzidos os procedimentos que orientaram a análise realizada. A amostra desses procedimentos facilita a compreensão inclusive dos resultados problematizados, sendo que estes estão antepostos às conclusões que buscam sintetizar todas as observações entendidas como mais salientes.

1. RELAÇÃO ENTRE GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Kress e van Leeuwen (1996, 2000) desenvolveram um trabalho para a investigação de imagens, baseado na *Gramática Sistêmico-Funcional* ou *GSF*, proposta por Halliday (1985, 1994, 2004), ao qual chama de *Gramática do Design Visual*. A proposta de Kress e van

Leeuwen para o exame das imagens utilizando os aportes da GSF é de relacionar a noção teórica de metafunção de Halliday com a investigação de imagens, e não de averiguar se as estruturas linguísticas têm correspondentes nas estruturas visuais. Esses dois modos (linguístico e visual) não constituem unicamente alternativas de representação da mesma coisa, pois cada um tem seus códigos próprios e regras para isso (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 76).

O estudo de Kress e Van Leeuwen reconhece que a língua não realiza somente representações do fato social, mas também legitima as relações entre um observador e o que é visto. Articulando uma analogia entre a *Gramática Sistêmico-Funcional* e a *Gramática do Design Visual*, Kress e van Leeuwen adotam o entendimento que Halliday atribui à gramática:

Gramática vai além de regras formais de correção. Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles (HALLIDAY, 1985, p.101).

A expressão do significado na linguagem é feita, destarte, através de escolhas entre distintas classes de palavras e estruturas semânticas. A comunicação visual, nesse sentido, pode então expressar significados “através do uso de cores ou diferentes estruturas de composição”, por exemplo (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 2).

A gramática do design visual, como proposta por Kress e van Leeuwen (2001), ao se ancorar numa organização metafuncional também realizará seus significados através das mesmas funções como propostas por Halliday. Dentro dessa perspectiva funcional que se acopla numa descrição sistêmica, Michael A. K. Halliday apresenta sua visão da gramática funcional no livro *An Introduction to Functional Grammar*. A abordagem que Halliday faz se baseia na concepção de língua enquanto fenômeno primordialmente social. Essa abordagem leva em consideração o *contexto de situação* encapsulado no texto para que a relação meio social e linguagem não seja vista de modo isolado (HALLIDAY, 1985, p. 11).

Halliday (1985), ao caracterizar o sistema em relação ao *contexto de situação*, aponta a correspondência deste a *metafunções* específicas. Segundo Christie, “a noção de metafunções foi mencionada no pensamento de Halliday ainda na década de 60, embora tivesse sido aprimorada no final da mesma” (CHRISTIE, 2004, p. 21).

Assim, a metafunção *ideacional* na linguagem (HALLIDAY, 1985, 1994) que ocorre no sistema da transitividade, é analisada por Kress e van Leeuwen no que intitulam de função *representacional*, sendo responsável, dentro dessa nova proposta, pelas estruturas que

constroem visualmente a “natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem” (UNSWORTH, 2006, p. 72).

Kress e Van Leeuwen subdividem essa função em *estrutura narrativa*, quando há presença de vetores¹ indicando que ações estão sendo realizadas, ou *conceitual*, quando existe uma taxionomia, uma classificação, uma distribuição por classes, em que os participantes representados são expostos como se estivessem subordinados a uma categoria superior.

A metafunção *interpessoal* -responsável pela relação entre os participantes- é analisada dentro da função denominada de função *interativa* (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000), onde recursos visuais constroem “a natureza das relações de quem vê e o que é visto” (UNSWORTH, 2006, p.72). São apontados quatro recursos utilizados dentro dessa função interativa: o *contato*, a *distância social*, a *perspectiva* e a *modalidade*.

O *contato* é determinado pelo vetor que se forma, ou não, entre as linhas do olho do participante representado e o leitor (participante interativo). A *distância social* é a exposição do participante representado perto ou longe do leitor, podendo ser definido como plano fechado, plano médio ou plano aberto. A *perspectiva* é o ângulo, ou o ponto de vista, em que os participantes representados são mostrados. Três são as angulações básicas: frontais, oblíquas e verticais. Finalmente a *modalidade* ocorre através de diversos mecanismos que ajustam o nível de realidade que a imagem representa.

A terceira metafunção proposta por Halliday- metafunção *textual* da linguagem-responsável pela estrutura e formato do texto, é realizada na função *composicional* na proposição para análise de imagens de Kress e van Leeuwen, e se refere aos significados produzidos através da distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem.

Os significados dos elementos de uma composição são explicitados através de três sistemas interrelacionados: a) *valor da informação*: direita e esquerda (polarização), topo e base (polarização), centro e margem (centralização); b) *Saliência*: elementos arranjados para atrair a atenção do observador em diferentes níveis; c) *estruturação*: presença ou ausência de planos de estruturação que conectam ou desconectam elementos da imagem, determinando se eles fazem parte ou não de um mesmo sentido.

Dessa maneira, uma imagem representa não só o mundo, de forma abstrata ou concreta, como também interage com esse mundo, independentemente de apresentar um texto escrito que a acompanhe ou não. Essa imagem assim realizada acaba por constituir um tipo de

¹ A ideia de vetor dentro da gramática do design visual é entendida como a direção da ação, o traço que indica direcionalidade.

texto, seja esse texto uma pintura, uma propaganda em revista, ou um calendário, como se propõe nesse trabalho por exemplo, que pode ser reconhecido pela sociedade. (JEWITT; OYAMA, 2004, p. 140).

2. METODOLOGIA

Com a finalidade de analisar os significados sociais construídos no *calendario laico* do projeto *Pelos si, a pelo NO*, foram obedecidas às seguintes etapas: 1) Cada uma das edições do calendário, entre Julho e Dezembro de 2009, que compõem o objeto de estudo deste trabalho foi examinada a partir das categorias referentes aos significados *composicionais*, *representacionais* e *interativos* de acordo com a proposta de Kress e van Leeuwen (1996, 2006). Nessa etapa, pretendeu-se aplicar as referidas categorias ao *corpus* a fim de se verificarem as estruturas de significados sociais representadas; 2) Os resultados observados em cada um dos textos multimodais foram, simultaneamente, discutidos de maneira que se contemplassem suas motivações socioculturais.

Apresentado o referencial teórico-metodológico utilizado neste trabalho, seguem-se na próxima seção a análise e a discussão dos dados extraídos dos seis meses já mencionados do *calendario laico*.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Ao discutirem o papel dos elementos visuais na composição de um texto, Kress e van Leeuwen (2006) destacam o caráter ideológico que tais elementos encerram. De acordo com esses autores:

As estruturas visuais não simplesmente reproduzem as estruturas da realidade. Pelo contrário, elas produzem imagens da realidade que está vinculada aos interesses das instituições sociais no interior das quais as imagens são produzidas, circuladas e lidas. Elas são ideológicas. As estruturas visuais nunca são meramente formais: elas têm uma dimensão semântica profundamente importante (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 47).

A partir então dessa premissa é que se busca descrever as implicações sociais através principalmente dos aspectos políticos e ideológicos que articulam a consecução dos variados interesses que permeiam o *calendario laico*:



Figura 1

Assim, o que se apreende do primeiro texto (ver figura 1) é o que Kress e van Leeuwen chamam de *estrutura narrativa*, o que significa que há a presença de vetores (traços que indicam direcionalidade) como, por exemplo, os braços meio flexionados e os olhos direcionados das pessoas, aqui entendidas como *participantes* e *atores*, indicando uma ação que está acontecendo. Kress e van Leeuwen explicam que quando os participantes aparecem conectados por um *vetor*, eles são representados como fazendo alguma coisa um ao outro, ou pelo outro. Nesses casos, a imagem representa, então, um processo narrativo, apresentando “ações acarretadas e eventos, processos de mudança ou arranjos espaciais transitórios” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.59).

Designadamente no texto 01, a partir da *função representacional* da linguagem visual, ou seja, aquela que, conforme Unsworth (2004), constroa a natureza dos eventos, objetos, participantes e circunstâncias na imagem, é possível e observável o destaque das seguintes colocações: os braços do participante C definem a direção da ação de entregar aparentemente uma vestidura ao participante B, identificado como *meta*, ou seja, aquele a quem o *vetor* (braço do participante C) está direcionado. Esse participante C pode ser identificado como um

sacerdote cristão, principalmente por portar uma casula e um cingulo². A relação estabelecida entre esses dois participantes (B e C) determina uma *ação transacional bidirecional*, o que significa que um vetor está conectando dois *interatores*.

O participante A determina-se como um *acompanhante*, já que não apresenta alguma relação vetorial em função de outros participantes representados (B e C). A presença de círculos de luz (auréolas) que orna as cabeças de A e B os estimam como pessoas honorárias, tendo em vista que dentro dos estudos lexicográficos, a auréola é definida como certo galardão accidental de felicidade e mérito para além do normal, que se atribui aos santos em virtude do seu especial grau de santidade (FERREIRA, 2004, p.153).

O elemento de desarmonia que deturpa o aspecto e a identificação socialmente assumida de um santo católico agregado ao participante B é a coroa no formato de um órgão sexual masculino que está possivelmente em um invólucro associado a uma camisinha-envoltório de látex ou material afim que funciona como contraceptivo reduzindo de maneira temporária e reversível a concepção- a fecundação. O reconhecimento dessa parte do corpo humano na coroa do participante B é facilitado pelo noticiário da imprensa espanhola a respeito da edição do mês de Julho do calendário na época (2009) em que foi publicado: “O chaman de ‘calendario laico’, mas aparecem vírgenes transexuais e con coroas na forma de penes” (TIPICALLY SPANISH, 2009, p. 4).

Essa deturpação, recorrente inclusive no segundo texto (ver figura 2), pode ser esclarecida, por seu caráter estratégico, através do *significado composicional* da gramática do design visual.

² A casula é um manto amplo que envolve o celebrante, formando como um casulo (casa pequena), representa o jugo do Senhor sobre os ombros do homem. O cingulo é um cordão que serve para cingir, ou seja, para apertar a cintura. Simboliza a castidade e a pureza de coração que deve animar o sacerdote em toda sua vida. Fonte: <http://www.capela.org.br/Catecismo/liturgia4.htm> Acessado em: 12/11/2010 às 14:35hs.



Figura 2

Kress e van Leeuwen registram a importância desse significado que está atrelado às relações estabelecidas através da imagem: a composição do todo, ou seja, o modo como os elementos visuais se relacionam e o modo como eles se integram para formar um todo significativo. Segundo os autores, há três princípios de composição, os quais são interrelacionados: o *valor informativo*, a *saliência* e a *estruturação* (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p.183).

O princípio mais relevante para a descrição do significado composicional, nos específicos textos, é o valor informativo. Tal princípio se refere ao valor específico assumido pelos elementos visuais de acordo com sua localização na página. O valor informativo está, portanto, atrelado às várias “zonas” do material visual: direita e esquerda, parte superior e parte inferior, centro, margem. Kress e van Leeuwen explicam que quando as imagens ou os *layouts* fazem uso significativo do eixo horizontal, posicionando alguns dos seus elementos à esquerda e outros à direita do centro, então os elementos localizados à esquerda são apresentados como *Dado* e os elementos à direita, como *Novo* (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p.187).

Quando a distribuição dos elementos ocorre no eixo vertical da página ou da imagem, os participantes da parte superior recebem valor informativo de *Ideal*, enquanto os elementos que aparecem na parte inferior, são tidos como *Real*. Além disso, Kress e van Leeuwen (1996) ainda analisam os valores informativos do centro, referente aos elementos que

aparecem no meio da composição e ganha destaque de significância, e da margem, referente aos participantes que ocupam posições periféricas e têm baixo valor informativo.

Assim, o que se pode depreender especificamente no primeiro texto (ver figura 1) é que o participante B, ao posicionar-se dentro do quadrante *novo* e *ideal*, é prezado como o elemento que abarca a diferença, o inovador, o surpreendente - qualidades possivelmente requeridas pela coroa na forma de um órgão sexual masculino. Semelhantemente a coroa na forma de um órgão sexual masculino, no segundo texto (ver figura 2), é estimada numa zona em que os valores são reconhecidos como *ideal*, aquilo que se pretende, se busca, se espera.

Entretanto, a relação sexualidade (expedida pela coroa na forma de pênis) e religião, principalmente igreja católica- doutrina religiosa que é declarada como a que compreende a maior parte dos espanhóis- não implica necessariamente algo novo, mas sim problemático. Nisso, ou seja, numa relação ainda polêmica, principalmente nos entremuros da cristandade, é que as qualidades de *novo* e *ideal* cumprem suas funções através da articulação e posição do órgão sexual masculino dentro da composição dos textos.

Richards (1993) formula seu parecer sobre a relação sexo e igreja católica e responde, talvez, a motivação e o caráter provocativo da presença do elemento sexual masculino dentro das posições *ideal* e *novo*:

Não há como polemizar realmente sobre a postura básica da cristandade. Visto que o sexo, segundo os ensinamentos cristãos, foi dado ao homem unicamente para os propósitos da reprodução e por nenhuma outra razão, qualquer outra forma de atividade que não levasse ou não pudesse levar à procriação era um pecado contra a natureza. (RICHARDS, 1990/1993, p. 136).

O significado do termo "natureza" nesse contexto é, segundo Richards (1990), tão ou mais complexo do que o termo "homossexualidade", mas na moral cristã ele está dentro da cosmogonia do mito fundador, na qual a divindade criou o homem e a mulher para unicamente apoderar-se do sexo a fim de povoarem a terra. Já a homossexualidade se enquadra, numa percepção psicanalítica, dentro dos transtornos de identidade de gênero. Vainfas (1997) acata a tese da possível tolerância cristã demonstrando que, mesmo não havendo uma incorporação da homossexualidade nos cânones da moral cristã, também não se verificava a existência de penas graves nas punições para os sodomitas, entre os quais estavam homens que praticavam sexo com homens.

Essa questão que envolve a homossexualidade e a igreja é relevante para a discussão e parece ser a tônica de todas as imagens do calendário, até porque ao *Colectivo de Gays*,

Lesbianas, Transexuales y Bisexuales de Madrid (COGAM) é atribuído a patrocinação do *Calendario laico*, calendário este que abarca os textos em foco. Assim, verificando a posição de *real* dos participantes que são associados, inclusive pela imprensa espanhola, a homossexuais, é possível a leitura de que o produtor das imagens/textos assumiu a naturalização, conseqüentemente a estimação, tendo em vista a forma estigmatizada desse grupo, dos homossexuais, por meio de uma refutação (o ato de refutar pode pressupor uma postura nova e ideal, já que vai de encontro a um *status quo*) aos valores e crença institucionalizados cristãos, especificamente da igreja católica, ao deturpar a imagem de santos com elementos sexuais.

Ao naturalizar, no sentido de tornar comum, pelo domínio do *real*, um grupo minoritário, não tanto pela quantidade, mas pelo valor moral a ele socialmente atribuído, contesta-se o *status quo* de uma postura institucional e reivindica-se o princípio constitucional da isonomia democrática, apregoado pela sociedade democrática e cristã ocidental, que prevê a condição de iguais a todas as pessoas, independentemente de suas opções sexuais.

Essa lógica produzida pelo *significado composicional* principalmente permanece no terceiro, quarto e quinto texto (ver figura 3, 4, 5), em que o *valor informativo* continua sendo contundente para a leitura dos efeitos de sentido produzidos em decorrência dos possíveis propósitos comunicativos, contestatórios e ideológicos do produtor das imagens.

IDEAL \



Figura 3

REAL

IDEAL



Figura 4

REAL



Figura 5

O sexto texto (ver figura 6) já apresenta uma estratégia semiótica mais contundente para a produção de sentido diferente das demais instrumentalizada em outros textos. O participante representado estabelece, a partir da *função interativa* da linguagem, ou seja, aquela responsável pela relação entre os participantes, especificamente dentro da categoria *contato* que se forma entre as linhas do olho do participante representado e o observador, uma relação de *demanda*, à medida que seus olhos interpelam o observador a estabelecer um espaço de interatividade.

No ato semiótico, os participantes podem ser categorizados em dois tipos distintos, “aqueles que falam, ouvem ou escrevem e leem, produzem imagens ou as visualizam” também chamados de *participantes interativos* (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p. 44) ou participantes representados “na ou pela fala, ou escrita, ou imagem, os participantes sobre os quais falamos ou escrevemos ou produzimos imagens” (ALMEIDA, 2008, p.1).

Essa interatividade entre o participante representado e o interativo só pode ser acionada desde que o produtor busque agir sobre o observador da imagem, e essa ação é perceptível e estabelecida por um tipo de relação específica. A identificação do tipo de relação pretendida pode ser feita a partir da expressão facial e principalmente pela nudez em que se apresenta o participante representado.

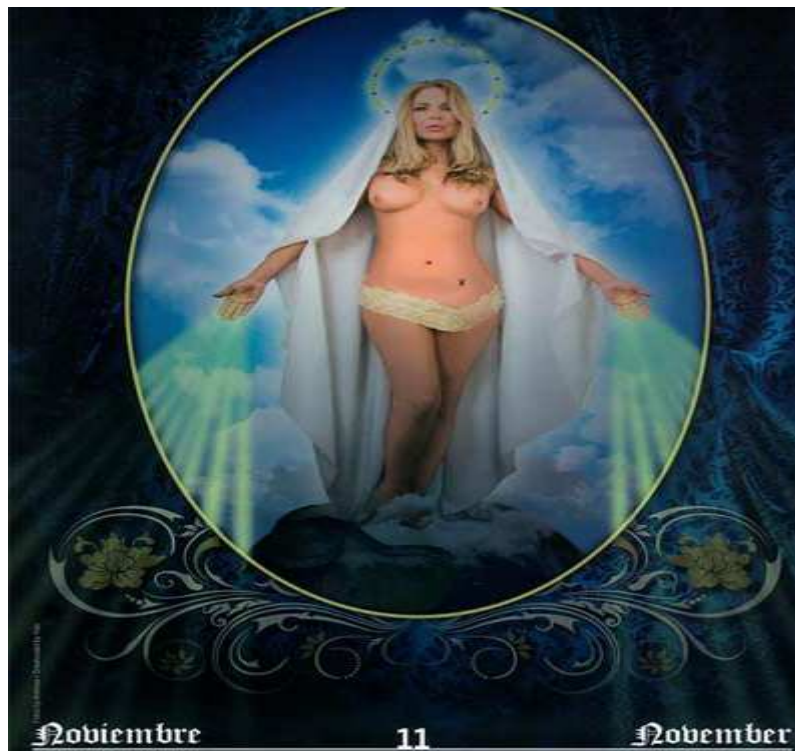


Figura 6

Assim sendo, é ponderável a observação de uma relação que se pauta num jogo sedutivo, em que o participante representado age no sentido de atrair ou encantar sediciosamente. Todavia, essa interação não está calcada numa expressão monástica ou a qualquer sentido espiritual, já que é possível a leitura que associe o participante representado à figura de Maria, mãe de Jesus, mas sim numa inclinação artificialmente para a luxúria, para a sensualidade. Essa constatação é potencializada pela *distância social* engendrada na produção da imagem.

A *distância social* é uma segunda dimensão da *função interativa* das imagens. Ela está relacionada com o tamanho do enquadre que é feito na imagem. O participante representado na imagem pode ser mostrado mais próximo ou mais afastado do observador. Isso é feito através de *close ups*, e fotos tiradas à longa e curta distância. Da mesma maneira que imagens de *demanda* e *oferta* podem “sugerir diferentes relações entre participantes representados e observadores” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2000, p.130), a escolha entre mostrar o participante representado de perto ou de longe também sugere diferentes relações entre o participante representado e o participante interativo. Assim, ao mostrar o participante representado praticamente ausente de ornatos, portanto desnudo, e de maneira longe, o produtor acentua a interpelação pela sensualidade e erotismo do corpo da mulher.

A relação entre mulher (participante representado) e deleite carnal já é desde a idade média, dentro dos estudos teológicos, algo emblemático. Richards (1993) resume um pouco

essa relação: “Era a um só tempo inferior (uma vez que fora criada da costela de Adão), e diabólica – uma vez que havia sucumbido à serpente fazendo com que Adão fosse expulso do paraíso, além de ter descoberto o ‘deleite carnal’ e o ter mostrado a Adão” (RICHARDS, 1993, p. 36).

Não obstante, o deleite carnal sugerido no sexto texto caracteriza aquilo que as igrejas cristãs, de forma inclusive a católica, considera a concupiscência da carne e aquilo que Santo Agostinho chama de pecado original. A visão de Santo Agostinho em associar o Pecado Original ao desejo sexual, antecipa, se assim pode-se dizer, o pecado, ou seja, não é o ato sexual que é pecaminoso, mas o que vem antes dele – o desejo pelo sexo é o grande pecado (SANDRE-PEREIRA, 2003, p, 482).

Disso tudo, os efeitos de sentido produzidos pelo sexto texto tendem a rechaçarem a concepção sexual assumida e reproduzida pela igreja, já que está assume um papel eminentemente articulador e incisivo dos valores morais socialmente estabelecidos sobre o papel e a postura da boa e estimada mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise a partir da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen permitiu a identificação das estratégias de representação, composição e interação utilizadas para a construção de significados sociais no *calendario laico* do projeto *Pelos si, a pelo NO*, de Juan Antinoo, financiado pelo grupo *COGAM*.

Uma situação de comunicação, tal qual se propõe o objeto de estudo desse trabalho, exige que seus participantes elaborem seus textos da maneira mais compreensível em contextos determinados (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p. 45), assim, os argumentos e modos de dizer são selecionados para que os sentidos depreendidos pelo leitor, a partir do texto, sejam o mais próximo possível daqueles que partiram dos propósitos do produtor. É partindo disso que se concentram as considerações sumárias desse trabalho.

Essa exigência para a elaboração de textos multimodais principalmente é relevante para uma associação em que os elementos associados deveriam naturalmente se corresponder, ou seja, os objetivos assumidos com e pela produção do calendário e as leituras adstritas e negociadas com o público endereçado pelo mesmo. O que se sustenta é que o produtor procura integrar os significados representacionais, interativos e composicionais na linguagem visual para tentar reforçar uma ideia que se propõe defender e divulgar, mas que parece não estar muito nítida nem saliente no calendário. A conscientização de uma qualidade de vida

possível às pessoas com HIV, inclusive pelo incentivo ao uso de preservativos não parece, pelo único indício de se apresentar um contraceptivo masculino numa das partes de um participante, emergir com tanta facilidade dos efeitos de sentido possíveis de ser percebidos e tecnicamente articulados.

O que emerge, logo, dessa incoerência é a não satisfação dos propósitos oficialmente divulgados com e pelo projeto *Pelos si, a pelo NO* e os sentidos produzidos com as edições mensais do calendário. Isso facilita a leitura crítica e possível que ratifica que mais do que defender uma forma de vida saudável e alternativa para os grupos homossexuais, o projeto refuta e ataca as concepções tradicionais de opção e vida sexual por meio da projeção, idealização e estima do erotismo e também por meio de interação e aproximação através da qualidade do encanto sedutivo.

A primeira consignação, a saber, o ato de refutar e atacar os pontos de vista tradicionais sobre a opção e vida sexual por meio da projeção, idealização e estima do erotismo, está sustentada nas estratégias das *funções representacionais e composicionais* da linguagem visual. Já a interação e aproximação através da qualidade de sedução se assumem enquanto um construto realizado por meio da *função interativa* da linguagem-aquela responsável pela relação entre os participantes.

Essa leitura censora sobre a produção do calendário é ainda mais avigorada pelo reconhecimento da tensão secular e conflituosa entre grupos homossexuais e principalmente catolicismo, que em raríssimos momentos apontou para algum estado de tolerância e aceitação.

A particular inclinação da pessoa homossexual, apesar de não ser para o catolicismo em si mesmo um pecado, constitui, todavia uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral e católico. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada, o que potencializa a intolerância e cria uma tensão naturalmente conflituosa entre grupos homossexuais e igreja católica. Talvez esse conflito seja a motivação maior para a produção de um calendário que parodia os santos católicos, à medida que os profanam e os deformam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Danielle. Do texto às imagens: novas fronteiras do letramento a partir de uma perspectiva sócio-semiótica visual. In: *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2006.

CARVALHO, Flaviane Faria, MAGALHÃES, Célia. Mídia impressa e multimodalidade: os significados composicionais na primeira página de jornais mineiros. *Revista da ANPOLL*. Disponível em <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/143/153>. Editores responsáveis: Célia Magalhães, Sandra Regina Goulart Almeida. v.2. n.27, Belo Horizonte, Editora O Lutador, Jan./Jun. 2009, p. 43-71. Anual. ISSN: 1982-7830. Acesso em 29/11/2010.

CHRISTIE, F. Systemic Funcional Linguistics and a theory of language in education. *Ilha do desterro*, Florianópolis, n. 46, jan-jun 2004, p. 13-40.

DELPHINO, Fátima. Uma leitura multimodal de um texto publicitário. *Sinergia*. Disponível em: <www.cefetsp.br/edu/sinergia/fatima2.html>. Editor responsável: v. 2, n.1, São Paulo, CEFET-SP, Jan./Jul. 2001, p. , Semestral. ISSN: 2177 451X. Acesso em: 25 fev. 2007.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: *Fala e Escrita*. MARCUSCHI, L. A.; DINOÍSIO, A. P. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a, p.177-196.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Auréola. In: *Aurélio*, 6º ed. rev. Curitiba: Positivo, 2004, p. 153.

FERREIRA, Sidnéa. *Understanding Text-Image Relationships in Newsweek CoverStories: A Study of multimodal meaning-making*. 2003.168f. Dissertação (mestrado em Inglês e Literatura Correspondente) – Faculdade de Letras, universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FONTENELE, Thaís. *A significação no discurso multimodal midiático*. 113 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Faculdade Letras, universidade de Brasília, Brasília, 2004.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. *Language, Context and Text: a social semiotic perspective*. London: Oxford, 1989.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

<http://www.capela.org.br/Catecismo/liturgia4.htm>

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mudancas-na-igreja-catolica>

http://www.typicallyspanish.com/news/publish/article_23517.shtml#ixzz13xSo5Jdu

http://www.vatican.va/news_services/or/or_por/048p01.pdf

JEWITT, Carey ; OYAMA, Rumiko. Visual Meaning: a Social Semiotic Approach. In: VAN LEEUWEN, Theo.; JEWITT, Carey. *Handbook of Visual Analysis*. London: SAGE Publications Ltd, 2004, p.140.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the Grammar of Visual Design*. London; New York: Routledge, 1996.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The Critical) Analysis of Newspaper Layout. In: BELL, A.; GARRETT, P. (Ed.). *Approaches to Media Discourse*. Oxford: Blackwell, 1998.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: the modes and media of Contemporary Communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2ed. London: Routledge, 2006.

NEVES, Maria. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PETERMANN, Juliana. *A publicidade Bom Bril: o segredo do sucesso*. 2006. 99 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

PINHEIRO, Viviane. *Analisando significados de capas da Revista Raça Brasil: um estudo de caso à luz da semiótica social*. 2007. 138 f. Dissertação (mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, universidade Federal de minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SANDRE-PEREIRA, Gilsa. Amamentação e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, LetrasLivres, vol.11 no.2, p.467-490, Julho/Dezembro, 2003. ISSN 0104-026X

UNSWORTH, Len. *Image/Text Relations and Intersemiosis: Towards Multimodal Text Description for Multiliteracies Education in 33rd International Systemic Functional Congress Proceedings*. São Paulo: PUC, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: Moral, sexualidade e inquisição no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.